



OBITUÁRIO

Jack Goody (1919-2015), por José Manuel Sobral

Análise Social, 216, 1 (3.º), 2015

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt





OBITUÁRIO

Jack Goody (1919-2015)

Jack Goody é uma figura cimeira da antropologia e das ciências sociais dos nossos dias. Nasceu em Londres, em 1919, oriundo de uma família da baixa classe média instruída, e começou por se dedicar aos estudos ingleses na Universidade de Cambridge, que foram interrompidos devido à guerra. Foi aí que recebeu não só a sua formação intelectual, mas também política. Viviam-se tempos marcados pela Guerra Civil de Espanha, pela ascensão ao poder da Frente Popular em França, pelo triunfo do nazismo na Alemanha e do fascismo em Itália. Conviveu em Cambridge com E.P. Thompson, Raymond Williams e Eric Hobsbawm. Manteve com o último uma relação de amizade ao longo de toda a vida, apesar de, ao contrário deste, a sua relação com o comunismo ter sido muito efémera. Todavia, pertenceria sempre ao campo da esquerda socialista. A sua última obra, *Metals, Culture and Capitalism: an Essay on the Origins of the Modern World* (2012), onde trata da história comparada dos metais na Eurásia, é dedicada à memória das comunidades mineiras britânicas, hoje praticamente desaparecidas.

Combateu no Norte de África durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido feito prisioneiro e levado para Itália. Fugiu e foi capturado, acabando a guerra num campo de prisioneiros na Alemanha. Findo o conflito, concluiu a sua formatura em estudos ingleses e interessou-se pela arqueologia, antes de se dedicar à antropologia. Este percurso académico foi fortemente influenciado pelo contacto estabelecido durante a guerra com gentes de nacionalidades e culturas distintas, e pelo seu desejo de realizar trabalho de campo numa perspetiva de reforma social, coerente com a sua posição ideológica e com o

ambiente vivido no Reino Unido sob um governo trabalhista no período imediatamente posterior ao conflito.

Aluno da geração que se seguiu a Malinowski e a Radcliffe-Brown, a dos seus mentores Evans-Pritchard e Meyer Fortes, veio a suceder a este último como William Wyse Professor de Antropologia em Cambridge, uma das posições mais elevadas na disciplina no Reino Unido, se não mesmo a mais elevada, cargo do qual se reformou em 1984, continuando a manter uma vida científica extremamente ativa. A sua obra tem em comum com a de Evans-Pritchard a ênfase na ligação indissociável entre a antropologia e a história. Reteve de Meyer Fortes, além do interesse pela dimensão psicológica da vida social, e nomeadamente a que envolve as relações familiares, a importância conferida ao grupo doméstico e ao seu ciclo de desenvolvimento. Para lá dos seus contemporâneos, as suas referências maiores remetem para Marx e Weber em torno da importância da economia ou da estratificação, e, no caso do último, da religião, mas também para Freud – em grau muito menor – no que respeita às emoções, para o antropólogo James Frazer, pioneiro da abordagem comparada da mitologia e da religiosidade, e para o arqueólogo Vere Gordon Childe, no que se reporta ao impacto das sociedades da Idade do Bronze. Na sua pesquisa, nunca aceitou as fronteiras disciplinares convencionais.

Tendo realizado trabalho de campo no Ghana, focando em particular o grupo doméstico, a sua reprodução e as implicações da oralidade e da escrita para a memória e para a cognição, produziu um conjunto amplo de sínteses em que está presente o contraste entre a Eurásia e a África subsariana. Esse contraste é analisado tendo em conta as diferenças existentes ao nível da economia, dos regimes matrimoniais, da transmissão da propriedade, da estratificação social e cultural, dos sistemas religiosos e políticos. Na África subsariana, a cultura da terra assente na enxada não produzia os excedentes que caracterizariam a Eurásia, onde se utilizava o arado e os animais eram empregues diretamente na agricultura. Ligada a esta divergência, encontravam-se outras, como o facto de na Eurásia se valorizar o casamento no âmbito do mesmo grupo social, bem como um sistema de herança e sucessão vertical, enquanto na África subsariana se enfatizava o casamento fora do grupo e era comum um outro tipo de herança (lateral). Estas práticas, reforçadas pela importância da monogamia na Eurásia, estavam ligadas à acumulação de património, transmitido aos sucessores, e à existência de estratificação social – não haveria verdadeiras castas ou classes em África – em grupos sociais com culturas e estilos de vida diferenciados. Os modos de comunicação são também uma influência crucial na diferença que estabelece entre a Eurásia e a maioria das sociedades subsarianas. A escrita, uma invenção euroasiática, revelou-se de importância fundamental para sustentar e ampliar relações económicas e de poder. Foi

também condição de possibilidade de acumulação de conhecimento descontextualizado e de emergência e reprodução dos saberes científicos, bem como da existência e expansão de determinadas religiões – não por acaso chamadas do “livro” – por todo o mundo.

Estas ideias estão presentes na sua obra *Production and Reproduction: a Comparative Study of the Domestic Domain* (1976), que constitui um preâmbulo a um labor comparativo que o acompanhou até ao fim. Nela alerta para o facto de, ao postular uma relação entre fatores económicos e materiais e o parentesco e a estratificação, por exemplo, não querer com isso dizer que retirava preeminência a outros, como os religiosos, ou que subscrevia modelos demasiado crus ou lineares de tipo materialista ou idealista. A comparação continuará a ser exposta em livros como *The Development of the Family and Marriage in Europe* (1983) e *The Oriental, the Ancient and the Primitive: systems of Marriage and the Family in the Pre-Industrial Societies of Eurasia* (1990). A estas obras centradas na família e no parentesco deverá acrescentar-se *Cooking, Cuisine and Class: a Study in Comparative Sociology* (1982)¹, uma crítica às interpretações estruturalistas da cozinha, em cuja abordagem introduz a história, as classes e a escrita. É na Eurásia que surge a diferença entre uma alta e uma baixa cozinha, bem como esse género literário específico que são os livros de cozinha, diferenciação culinária inexistente na África subsariana, onde os últimos também não existiam. Se este livro se tornou uma obra maior das ciências sociais sobre a alimentação e a cozinha, o mesmo não ocorreu com *The Culture of Flowers* (1993), um trabalho de enorme originalidade, em que se debruça sobre a história do cultivo das flores e a sua relação com a produção agrícola e a economia em geral, as crenças religiosas e o simbolismo das flores; em sociedades, como as africanas, sem agricultura ligada ao arado, sem classes que levam uma vida de lazer, não há lugar para o cultivo de flores.

Algumas das suas obras mais recentes são dedicadas à análise interna da própria Eurásia – *The East in the West* (1996)², *Food and Love: a Cultural History of East and West* (1998), *The Theft of History* (2006), *Renaissances: the One or the Many?* (2010), *The Eurasian Miracle* (2010) –, em que procura mostrar que a visão desenvolvida no Oeste sobre o Leste está impregnada de eurocentrismo, o que conduz a uma visão exagerada das diferenças entre essas sociedades. Ao enfatizar, pelo contrário, os traços de afinidade entre a parte Ocidental e a Oriental, insistindo na alternância histórica em termos de supremacia entre uma e a outra, a reflexão de Jack Goody fornece uma interpretação da maior importância para a compreensão da ascensão económica e política do Japão, da

1 Publicada em Portugal pela Celta Editora.

2 Obra publicada em Portugal pela Difel.

China, da Índia, da Coreia, da Malásia e de outras sociedades asiáticas. Entre os elementos comuns às sociedades da Eurásia desde o advento da Idade do Bronze encontram-se, em sua opinião, o capitalismo e um pensamento secularizado, condição de possibilidade da inovação económica e científica.

Uma componente importante da sua perspetiva comparativa diz respeito às pesquisas inovadoras que dedicou às implicações da presença ou da ausência da escrita para a organização das sociedades, em termos de cognição e em termos de poder, de que resultaram obras como *The Domestication of the Savage Mind* (1977)³, *The Logic of Writing and the Organization of Society* (1986)⁴, *The Interface Between the Written and the Oral* (1987) ou *The Power of Written Tradition* (2000). Entretanto, uma síntese da pesquisa de Jack Goody não pode esquecer outros trabalhos, como a história da tradição antropológica em que se formou – *The Expansive Moment: Anthropology in Britain and Africa 1918-1970* (1995) –, *Representations and Contradictions: Ambivalence towards Images, Theatre, Fictions, Relics and Sexuality* (1997), em que aborda as atitudes face à representação de figuras e a iconoclastia recorrente na história e lembrada em atitudes recentes como a destruição das estátuas dos Budas de Bamiyan no Afeganistão, em 2001, ou ainda *Islam in Europe* (2004), em que analisa o alcance do legado islâmico na história da Europa.

Jack Goody recebeu um amplo reconhecimento académico no decurso da sua vida. Entre as muitas distinções recebidas encontra-se a de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lisboa, numa proposta da iniciativa do Instituto de Ciências Sociais. Movia-o uma curiosidade apaixonada que se traduziu numa pesquisa ininterrupta até ao fim dos seus dias. Dessa paixão ficou uma obra que perdura através de uma tecnologia – a escrita – que tão profundamente estudou, e que continuará a iluminar dimensões fundamentais da nossa vida em sociedade.⁵

3 Publicado em Portugal pela Editorial Presença.

4 Publicado em Portugal pelas Edições 70.

5 Para uma visão mais detalhada sobre a vida e obra de Jack Goody, indicam-se as seguintes publicações: Goody, J., Dauzat, P.-E. (1996), *L'Homme, l'écriture et la mort – entretiens avec Pierre-Emmanuel Dauzat* (Paris, Les Belles Lettres); Goody, J. (2004), *Au-delà des murs* (Marselha, Éditions Parenthèses/Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme); Entrevista a Jack Goody em Palhares-Burke, M. L. (org.) (2002), “Jack Goody”, cap. 1, *The New History: Confessions and Conversations* (Cambridge, Polity Press, pp.7-30).